



SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA EJA PARA OS ALUNOS DA ESCOLA DO CAMPO: OLHARES SOBRE AS NARRATIVAS DE VIDAS.

SENSES AND MEANINGS OF EJA FOR RURAL SCHOOL STUDENTS: PERSPECTIVES ON LIFE NARRATIVES.

Franciane Machado Gomes¹

Universidade Federal do Pará (UFPA) Franciane.gomes@cameta.ufpa.br

Waldma Máira Menezes de Oliveira²

Universidade Federal do Pará (UFPA) waldma@ufpa.br

Área Temática 04: Educação, formação de professores e práticas pedagógicas

Modalidade: Artigo Completo

1. Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um viés de ensino destinado à educação de pessoas que por motivos distintos apartaram-se do ensino regular. Entretanto esses cidadãos buscam oportunidades educativas para dar continuidade nos estudos promovendo conhecimentos. Assim se faz necessário uma modalidade de ensino que atenda a esse público com suas especificidades e que os alunos compreendam a importância da modalidade para sua vida acadêmica.

¹ Formada em Educação do Campo pela Universidade Federal do Pará (UFPA) campus Cametá. Especialista em Educação Inclusiva e Gestão e pesquisadora do Grupo de Estudos Surdos na Amazônia Tocantina (GESAT). Franciane.gomes@cameta.ufpa.br

² Professora Assistente II da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Coordenadora do Grupo de Estudos Surdos na Amazônia Tocantina, da Especialização em Educação Inclusiva no Campo e da Divisão de Inclusão Educacional – DIE da Universidade Federal do Pará – Campus Cametá. E-mail: waldma@ufpa.br.

Partindo desse pressuposto temos por problemática a seguinte questão: Qual o significado da modalidade EJA para os alunos do campo, tendo em vista a valorização dos sujeitos desta modalidade?

A Educação é importante para a vida do ser humano, pois possibilita ao estudante um amplo e profundo aprendizado, além de ser por meio da educação que o sujeito lê o mundo (FREIRE,1989). A modalidade da EJA é importante para aqueles que em alguma situação de excluídos não conseguiram dar continuidade nos seus estudos, uma vez que reconhece que a educação é importante e valoriza para sua vida o quanto é necessário educar-se.

Nosso objetivo é compreender a importância da modalidade da EJA para os alunos que a frequentam, entendendo as dificuldades dos sujeitos das classes populares, sua negação de direitos, bem como os desafios encontrados para concluir sua trajetória escolar, partindo das narrativas de vida. Tem-se ainda os objetivos específicos que são: Identificar quem são os sujeitos que frequentam a EJA; Analisar a relevância da Modalidade da EJA a partir das narrativas de vida dos alunos; refletir a partir das historicidades de vida os desafios enfrentados pelos sujeitos da EJA para concluir sua trajetória escolar.

Paulo Freire, Moacir Gadotti e Karl Marx fundamentam nosso debate a respeito da importância da Modalidade da EJA para aqueles que não conseguiram concluir os estudos na modalidade regular. Do posicionamento de Paulo Freire sobre a Educação de Jovens e Adultos, passando pelas narrativas de vida como instrumento de investigação, sobre os embasamentos de Mizukami, sobrevivendo por Moacir Gadotti sobre a EJA como Direito Humano, até chegar a Karl Marx a respeito de seu posicionamento da educação na sociedade, entre outras bibliografias.

As relevâncias dessa pesquisa são muitas e aqui destacamos algumas, como por exemplo: Social, Pedagógica e Acadêmica para elucidar a importância das propriedades desta investigação.

A relevância do trabalho no âmbito Social permite que por meio das narrativas de vida, tem como função social identificar quem são os sujeitos da EJA, suas origens, quais suas perspectivas, sonhos, projetos, identificar o meio social no qual está inserido, quais os motivos pelo qual frequentam a EJA. A relevância de caráter pedagógico é importante para os profissionais da educação, digo professores, coordenadores a escola em si, pois possibilita conhecer o aluno, além de permitir que o trabalhado com ele seja de forma significativa no ensino aprendizagem e questões de caráter reflexivo, uma vez que o campo pedagógico lida com assuntos emocionais, psicológicos, educacionais, profissionais e sociais dos educandos.

Já a relevância no meio acadêmico é de expressiva importância, pois visa estratégias de como no meio educacional se obterá competências de novas metodologias para trabalhar com os sujeitos da EJA, pois permite conhecê-los através das narrativas de vida e trabalhar diferentes facetas de personalidades de indivíduos numa turma que é multicultural, com diferentes vivências e avaliando-os de maneira coletiva ou individual.

2. Metodologia

Pesquisar é reunir informações necessárias para encontrar resposta para uma pergunta e assim chegar à solução do problema. Durante a pesquisa procurou-se explicar as questões respondendo as indagações com o tipo de pesquisa de cunho qualitativa, com técnica do estudo de caso, tendo um viés do enfoque teórico materialista dialético.

Segundo Minayo (2010, p.7) “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. A pesquisa qualitativa utiliza-se de métodos interpretativos já que o homem é diferente dos objetos.

Utilizaremos como tipo de pesquisa as Narrativas de vida e a partir dela entenderemos o cotidiano dos alunos da EJA, compreendendo os seus contextos sociais, pessoal, profissional desses sujeitos. Quem são eles? De onde vem? Quais suas experiências? O que tem para dizer?

Para esta pesquisa utilizou-se as entrevistas semiestruturadas, caderno de realidade para as anotações, gravador de voz para as entrevistas e questionários abertos e câmera fotográfica para registrar as imagens desta pesquisa.

Vale salientar que este trabalho foi realizado em período pandêmico, em que foram respeitadas todas as normas de segurança e cuidados. O período da coleta de dados das entrevistas se deu no mês de novembro de 2020. Vejamos na tabela a seguir os perfis dos entrevistados desta pesquisa. Vale salientar que os nomes apresentados são nomes fictícios.

QUADRO 01. O perfil dos entrevistados

Entrevistados	Município	Idade	Escolaridade
Maria	Igarapé-Miri	Acima de 70 anos	1ª Etapa
Dona Raimunda	Igarapé-Miri	Acima de 45 anos	2ª Etapa
Benedita	Igarapé-Miri	Entre 25 e 30 anos	2ª Etapa

Fonte: elaboração das autoras, 2022.

Os sujeitos são três estudantes da EJA, Maria, Dona Raimunda e Benedita, as quais passaram por várias situações para estudar e para permanecer estudando, pois as dificuldades não terminaram.

Os dados fornecem muitos significados que por menores que sejam sua análise requerem bastante dedicação, por isso eles são significativos e densos, mas também muitos difíceis de analisarem, contudo, nossa pesquisa utilizará a análise de conteúdos como instrumento de análise do material coletado durante a pesquisa e não basta somente coletar tem que dar conta da documentação coletada.

3. Educação e trabalho na Modalidade de Jovens e Adultos.

A seguir introduziremos os fundamentos teóricos de nossa pesquisa, tendo em vista que são os embasamentos que norteiam para esclarecer melhor o objeto de investigação e ajudam a levantar questões, o problema, as perguntas e as hipóteses com mais propriedade.

A LDB (1996) assegura que todos devem ter o direito a educação, porém na prática não é isso que acontece devido à falta de escolas que disponibilizam a modalidade da EJA. Diz ainda que os sistemas de ensino garantirão oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho. Mas a escola tem dialogado com esses sujeitos? Como tem trabalhado a identidade desses alunos para descobrir seus interesses e perspectivas de vida?

A escola é um espaço de cultura, de diversidades, um espaço de conquistas, pois em um único espaço existe uma união de diversas personalidades, culturas, raças e etnias. Para Gadotti (2010),

A Educação Multicultural pretende enfrentar o desafio de manter o equilíbrio entre a cultural local, regional, própria de um grupo social ou minoria étnica, e uma cultura universal, patrimônio da humanidade. A escola que se insere nessa perspectiva procura abrir os horizontes de seus alunos para a compreensão de outras culturas, de outras linguagens e modos de pensar, num mundo cada vez mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista e interdependente. (GADOTTI, 2010, p.281).

Porém não basta somente isso. A escola de forma geral tem que estar articulada com a vida cotidiana dos alunos, bem como os conhecimentos transmitidos, haja vista que isso é importante para estimular a serem cidadãos críticos da sociedade.

O acesso à educação é desigual, tanto faz nos aspectos, social, político, econômico e cultural. A educação seleciona os preparados, os ditos capacitados e enquanto aqueles que não

são aptos são “rebaixados”. Existe o campo social, que exemplifica esta relação de dominantes e dominados, em que para Bourdieu (2004) os campos são formados por agentes, que podem ser indivíduos ou instituições, os quais criam espaços e os fazem existir pelas relações que estabelecem.

Um dos princípios dos campos, à medida que determina o que os agentes podem ou não fazer, é a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes. Assim, é o lugar que os agentes ocupam nessa estrutura que indicam suas tomadas de posição. Isso exemplifica como é que surge a modalidade da EJA para aqueles que não conseguem acompanhar o ensino na modalidade regular na “idade certa”.

Especula-se a relação entre homem e a natureza que o ponto de partida entre os dois é o trabalho humano. Opondo-se à natureza, o homem desenvolve suas próprias forças. Negando a natureza ele produz a cultura e humaniza a natureza. Para ele trabalho realiza o homem, mas pode também aliená-lo. “No modo de produção capitalista o trabalhador não produz para si, mas para o capital” (GADOTTI, 2010, p. 128). Na divisão social do trabalho, grandes massas de trabalhadores-manuais e intelectuais alienam sua força de trabalho pela simples possibilidade de sobreviver. Faz-se necessário na modalidade da EJA que os trabalhadores tenham essa clareza, identificando quem são numa sociedade puramente capitalista.

Nos aspectos identitários Paulo Freire diz que tudo começa pelo reconhecimento de Identidade

Trata-se de um debate em torno da construção de uma identidade nacional baseada no desenvolvimento político, social e econômico que, segundo ele, passava ela tomada de consciência da realidade nacional. Esse processo não poderia dar-se sem uma transformação na estrutura do ensino e da extensão da educação para todos. (FREIRE apud GADOTTI, p. 276, 2010).

Para Paulo Freire os sujeitos precisam se descobrir para poder transformar o mundo, significando a cultura da cidadania e quanto mais se descobrem mais sofrem e com eles mais lutam.

Para ele a cultura popular, é sinônimo de conscientização, ou seja, de tomada de consciência da realidade nacional, para transformá-la e criar novas formas de relações sociais e políticas; significa consciência de direitos, possibilidade de criar novos direitos e capacidade de defendê-los contra autoritarismo, a violência-simbólica ou não e o arbítrio. (FREIRE apud GADOTTI, p. 277, 2010).

Sendo assim, rever sua culturalidade ou multiculturalismo na EJA dentro da sala de aula é evidente, pois existem vários sujeitos com diversas culturas a partir das narrativas de vida que serão analisadas, partindo de algumas questões importantes: quem são essas pessoas que frequentam a EJA? Quais são suas expectativas de futuro? Como lidam com suas identidades? Como trabalham com a multiculturalidade?

Entendemos que o desenvolvimento pessoal e profissional resulta de escolhas conscientes voltadas à satisfação das necessidades conscientes e que compõem as histórias de vida dos sujeitos e a sua valorização.

De acordo com a lei de Diretrizes e Bases da educação, todos devem ter direito ao acesso a educação, mas porque o Estado tem negado esse direito ao Estudante da EJA nas escolas do campo?

Os estudantes da EJA são pessoas que por vários motivos não conseguiram concluir ou dar continuidade nos estudos, às vezes por não ter acesso à escola próxima e por esta não ofertar a modalidade de ensino nas escolas, a violência, o trabalho, são alguns motivos que fazem com que o aluno seja excluído do processo de ensino e aprendizagem.

Logo, as práticas educativas e os novos contextos formativos para Educação do Campo têm o compromisso de se ater as realidades e diversidades que compõem o complexo mosaico de sujeitos constituintes dos ambientes educacionais, por meio de um processo pedagógico emancipatório. Para o educador pernambucano Paulo Freire (1989), o estudante precisa aprender a ler o mundo para poder transformá-lo em vez de aprendizado mecânico, de letras e palavras descontextualizadas da vida do educando.

Aprender é um ato revolucionário por meio da educação, e de maneira coletiva o indivíduo deve tomar consciência de sua condição histórica, assumir o controle de sua trajetória e conhecer sua capacidade de transformar o mundo. É por isso que é importante o ato de estudar com uma educação diferenciada (FREIRE, 1987, p. 80.).

Para se realizar um trabalho interdisciplinar é necessário ter atenção ao tempo e a organização do trabalho pedagógico, que acontece fora da aula, que deve ser autoral e coletivo entre professores. Para André (2008, p.141) “colocar a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia a dia, aprendendo as forças que a impulsionam ou retêm [...]”. Assim, deve-se ter o olhar mais voltado para a realidade do aluno, com as especificidades do campo.

O caráter determinante da educação do campo introduziu como o ponto de partida um novo projeto societário de país e de campo, que articula educação com as lutas pela terra, trabalho, valorização e reconhecimento de suas culturas e dos saberes construídos pela humanidade no decurso da história. (SOUZA; MARCOCCI APIANOVSKI, 2013, p.35).

Molina (2003) também afirma que as condições de trabalho do sujeito do campo refletem a luta de classe no campo. “Esta é uma das marcas centrais deste paradigma da Educação do Campo: o esforço de associar a educação à organização da produção agrícola, aos valores que se quer instituir nas relações de trabalho no campo” (MOLINA, 2003, p. 124).

Esta relação pode ser desigual e por isso o estudante precisa saber nas escolas a relação do conteúdo ensinado com a sua vida cotidiana, com aquilo que vivencia que a escola não se distancia da sua realidade, que não seja somente teoria, mas que possa ser praticado na comunidade em que vive, mas que para isso ocorra se faz necessária a parceria do corpo acadêmico escolar com as experiências de vida dos alunos. Ambas devem estar ligadas numa via de mão dupla, tornando assim sujeitos com formação crítica, tornando-se protagonistas da sua própria história.

Os entraves a ações como essas tem relação com uma lógica de sociedade que vivemos hoje no país, da qual a escola faz parte e a qual ajudou a construir. Ela é reflexo de uma sociedade de classes, estruturada no modo de produção capitalista, “que a escola primeiro ajudou a constituir e depois, até hoje, ajuda a reproduzir, principalmente enquanto parâmetro de relações sociais” (CALDART. p.152, 2010). Desse modo, para Karl Marx (1974):

[...] é na produção social da própria vida que os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das forças produtivas materiais. [...] o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, política e espiritual. (MARX, 1974, p. 135).

O que geralmente ocorre na sociedade é a produção como garantia de vida, porém esta não deve ser somente a serviço do capital, mas com a finalidade de qualidade de vida do ser humano, sem oprimir a ninguém por isso. O que para uns, “os bens materiais” significa uma coisa, para outros esses bens não são de tamanha valorização. Como o exemplo a terra para o capitalismo é tida como visão de lucro, produção, logo sinônimo de renda, mas para os sujeitos sociais do campo a terra não é somente para a produção: ela simboliza a reprodução da vida, do sustento da família, a qual produz produtos essenciais para sua sobrevivência. Martins (1986, p. 40) afirma que “para o camponês a terra é o espaço de luta e de sobrevivência”.

Nesta perspectiva, defendemos o trabalho com projeto de ensino e pesquisa na escola como uma das alternativas para viabilizar práticas de ensino articuladas à vida dos alunos que vivem no campo e de motivação para o desenvolvimento de atitudes investigativas e questionadoras a fim de que sejam futuros interventores de sua realidade com poder de decisão.

4. Narrativas de educandos da EJA

Vamos agora analisar as três categorias de análise, criadas a partir das entrevistas, e discutidas por textos bases desta pesquisa. São elas: Dizeres de educandos sobre a EJA: percursos educativos e os seus desafios na trajetória escolar; A importância da modalidade EJA

na vida educativa e pessoal dos educandos e Pedagogia dos Sonhos possíveis: narrativas de educandos da EJA.

4.1. Dizeres dos educandos sobre a EJA: percursos educativos e os seus desafios na trajetória escolar.

Durante a trajetória escolar o educando passa por vários desafios na sua vida para concluir seus estudos. O que leva um estudante a frequentar a EJA foram as limitações que ele encontrou no caminho, sejam elas sociais, econômicas, educacionais ou estruturais, o que demonstra as várias falas dos estudantes da EJA.

Quem são os sujeitos da EJA desta pesquisa? São três alunos do ensino fundamental menor, especificamente da 1ª e 2ª etapa. De acordo com Gomes (2015), a modalidade de Educação de Jovens e Adultos

contempla os indivíduos de uma camada da população, que traz consigo uma história de vida marcada por lutas, desafios, na qual o trabalho tem papel fundamental, uma vez que, por serem em sua maioria carentes, enxergam o trabalho como um aliado na melhoria de vida e por isso, são motivados a frequentar a instituição escolar em busca de novas oportunidades. (GOMES, 2015, p. 9).

A Resolução nº 2 de 28 de abril de 2008, diz que a “Educação do campo deverá atender, mediante procedimentos adequados, na modalidade da Educação de Jovens e adultos, as populações rurais que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos”. (BRASIL, 2008). A lei está aí, entretanto, sabemos que a oferta da modalidade da EJA no campo é difícil e que muitas escolas não ofertam a modalidade.

No final da década de 1940 a Educação de Jovens e Adultos é reconhecida e tem um tratamento particular, devido ao recenseamento o qual indicava que 55% da população com mais de 18 anos não havia sido alfabetizada. Foi criada então uma rede de ensino supletivo para adultos não alfabetizados na perspectiva de atender as carências existentes e tentar reduzir os altos índices registrados. (GOMES, 2015, p. 3).

São pessoas que enfrentam barreiras todos os dias para chegar à escola, é uma camada da população carente que não teve acesso à escola em tempo desejado, voltando a frequentar com sonhos e perspectiva de vida melhores.

Dizeres das 3 discentes da EJA, quando se perguntou sobre quais motivos as levaram ao abandono escolar.

QUADRO 2 - Motivos que levaram a evasão escolar.

Entrevistadas	Dizeres
---------------	---------

Maria	“Quando eu era criança, tinha que trabalhar para ajudar meus pais, naquele tempo o serviço que tinha era na roça, cortar lenha, éramos 8 filhos, íamos pro mato tirar leite das seringueiras, não tínhamos o que comer, era difícil, não tinha estudo, nunca estudei, agora que estou aprendendo, a fazer meu nome, e não tinha escola por perto”. (MARIA, 2021).
Dona Raimunda	“Minha mãe deixou meu pai com 7 filhos e se jogou na vida, cheguei a estudar até a primeira série, parei porque não tínhamos mais como estudar, ficava esperando papai chegar do mato e só comia quando ele
	vinha e trazia alguma coisa, ajudava ele fazendo as coisas da casa, pescando, gapuiando (ato de pegar pequenas lagos, secar e pegar peixes e camarões) então papai decidiu dar os filhos, fui morar com minha tia, ela me deu pra ser baba e empregada na casa dos outros, então não estudei. Cresci, arrumei marido, filhos e não estudei, agora que retornei”. (DONA RAIMUNDA, 2021).
Benedita	“ainda adolescente, engravidei muito cedo e parei de estudar, o marido que arrumei, se meteu nos vícios e sem condições não estudei, mas agora que deixei dele, meu filho cresceu, retornei de novo a escola, nunca é tarde para voltar a aprender”. (BENEDITA, 2021).

Fonte: Elaboração das autoras, 2022.

Nas falas dos educandos percebe-se que o que leva ao abandono escolar da maioria dos jovens desse país não é o desinteresse do aluno, mas sim a pobreza que atinge as famílias e a situação econômica desfavorável, com necessidades para trabalhar, em que entre a opção de estudar e trabalhar para “arrumar” o que comer lógico que prevalece é a trabalhar para sua sobrevivência. Segundo Gomes (2015) diz que:

O alunado desta modalidade de ensino possui em sua maioria um emprego de má qualificação com baixa remuneração e constantemente é visto como marginalizado diante da sociedade. Desta forma esses indivíduos objetivam retornar ao âmbito escolar para dar continuidade aos estudos na perspectiva da conquista de um trabalho mais significativo para que possa se realizar como cidadão, com um melhor poder aquisitivo, se reconhecer como ser social digno e capaz, na medida em que, por serem oriundos de um fracasso escolar se sentem desmotivados, com autoestima em baixa e se intitulam como incapazes buscando, assim, a instituição escolar para superarem esta carência. (GOMES, 2015, p. 11).

Todos os estudantes entrevistados tiveram obstáculos econômicos e sociais, uma situação marcada por falta de políticas públicas, e é preciso acabar com esse quadro para que não seja contínuo na nossa sociedade. Assim, a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) “[...] nos reporta a uma parcela da população que se encontra fora da escola por múltiplas motivações, como por exemplo, a ausência de políticas que garantam o acesso e permanência dos alunos nas escolas”. (BARBOSA, 2012, p. 39)

Os fatores que levam os educandos a viver numa sociedade excludente são vários como a pobreza, o desemprego ou emprego precário, pertencer às minorias, sejam elas de caráter físicos, étnicos, deficientes.

Os atores sociais da EJA são resultados da identidade e diferença, as quais foram classificados e hierarquizados, obviamente excluídos, em que uma classe é favorecida e a outra é desfavorecida. Silva (2014) exemplifica no livro identidade e diferença.

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (SILVA, 2014, p. 17).

Percebemos que os discursos têm o poder de posicionar o indivíduo e classificá-lo na sociedade. Logo esses que podem falar detêm o poder, pois tem domínio nominal da palavra e poder de classificar.

Vejamos mais outra pergunta feita aos educandos da EJA. Atualmente você encontra alguma dificuldade para estudar? Qual?

QUADRO 3- Dificuldades encontradas para estudar.

Entrevistadas	Dizeres
Maria	“Sim, eu tenho dificuldades para andar, moro longe, tenho que vir no ônibus escolar, quando a visto o ônibus ele não espera na parada, quando está chovendo então fica mais difícil, passo muita necessidade as vezes fico sem comer dia inteiro, merendo só aqui na escola, meus netos têm esses vícios, e ele já vendeu tudo de casa”. (MARIA, 2021).
dona Raimunda	“Sim, essa é a segunda tentativa, chego muito cansada do trabalho, sofro de artrose devido ficar muito em pé, tenho problemas de saúde, mas espero terminar com ajuda de Deus”. (DONA RAIMUNDA, 2021).
Benedita	“Sim, não tenho com quem deixar meus filhos, moro longe, venho no ônibus escolar, as vezes não venho não o ônibus não vem buscar a agente, é difícil por que chego cansada, aí tenho que fazer as coisas de casa, mesmo assim eu venho”. (BENEDITA, 2021).

Fonte: Elaboração das autoras, 2022.

Essas falas representam alguns dos desafios que os estudantes da EJA enfrentam para estudar, não sendo fácil, porém mesmo assim não desistem, pois sabem o quanto a educação é importante na sua vida. Para Gomes (2015)

A Educação de Jovens e Adultos tem início a partir de movimentos de lutas e desejos da educação popular e sempre foi vista como uma tarefa difícil, por atender uma camada da população carente que não teve acesso à escola em tempo desejado; por isso representa um momento de uma nova significação na vida para os que a ela têm acesso. (GOMES, 2015, p.3).

Por mais que seja árdua a caminhada escolar para os alunos da EJA, sabem pelas suas experiências e vivências que a educação é indiscutível, pois adquiriram conhecimentos da

necessidade do seu dia a dia, sabem matemática básica, fazer conta, trabalham com dinheiro, não aprenderam em sala de aula, mas nos seus cotidianos.

Também percebemos nas falas dos educandos que o transporte escolar é uma das dificuldades encontradas no trajeto do caminho para a escola, realidade de muitos estudantes da rede pública de ensino, e é responsabilidade do poder público em oferecer condições adequadas para os alunos.

Conforto, segurança, acessibilidade e atendimento qualificado são fatores que devem ser levados em consideração na oferta do transporte escolar. Para evitar ao máximo algum problema, os recursos financeiros devem ser utilizados da melhor maneira possível. Outro problema é que os ônibus e os automóveis nem sempre possuem o número de lugares necessários para a acomodação dos educandos.

No Parágrafo Único do Art. 6º da Resolução de 2008 “A oferta de Educação de Jovens e Adultos também deve considerar que os deslocamentos sejam feitos nas menores distâncias possíveis, preservando o princípio intracampo.” (BRASIL, 2008).

Outro fator mencionado por Maria é a questão da merenda escolar, que é uma refeição que os alunos têm dentro das escolas, geralmente durante o intervalo. Retomamos a fala de MARIA (2021) “*passo muita necessidade as vezes fico sem comer dia inteiro, merendo só aqui na escola.*” Essa realidade representa muito como é a situação de pobreza e a necessidade que as famílias passam e não têm condições de comprar seus alimentos, sendo a merenda escolar às vezes a única refeição do dia que o educando tem.

No Art. 12 da Lei nº 11.947, “os entes federados garantirão alimentação escolar dos alunos de acordo com os hábitos alimentares do contexto socioeconômico-cultural-tradicional predominante em que a escola está inserida” (BRASIL, 2009). Ratifica ainda que a organização do calendário escolar de acordo com as fases dos ciclos produtivos e as condições climáticas de cada região.

Todavia, não é isso que acontece, no período de safra do açaí, muitos meninos, adolescentes, jovens e adultos, são “peconheiros” (pessoa que colher o fruto do açaí) e que param de estudar nesse período entre setembro a dezembro, porque é período de safra. Alguns conseguem conciliar, mas com muita falta, dificultando o aprendizado do mesmo e o aumento da evasão escolar.

Vale salientar ainda sobre a merenda escolar que esta deve ser de boa qualidade e diversificada e que segundo o PNAE 30% deve ser provindo da agricultura familiar do município. O Art. 12 do PNAE ainda afirma que

I – O emprego da alimentação saudável e adequada, compreendendo o uso de alimentos variados, seguros, que respeitem a cultura, as tradições e os hábitos alimentares saudáveis, contribuindo para o crescimento e o desenvolvimento dos alunos e para a melhoria do rendimento escolar, em conformidade com a sua faixa etária e seu estado de saúde, inclusive dos que necessitam de atenção específica. (Brasil, 2009, p. 02).

Então é necessário que se cumpra que a merenda deve ser de boa qualidade, para crianças, jovens e adultos terem uma refeição digna e essa às vezes é sua única alimentação do dia.

Na obra *À sombra desta mangueira*, Freire (2001, p. 46) retrata “que não há evasão escolar, mas sim expulsão escolar, o aluno é expulso da escola”. Segundo Freire o educando não tem condições ou subsídios para a sua permanência na escola, que por forças maiores - questões econômicas, sociais, a pobreza a fome, a violência, entre outros, acabam por deixar de frequentar a escola. Ou seja, ele é expulso pelas suas dificuldades e desigualdades de nossa sociedade. Uns com privilégios, outros contando com a sua própria sorte.

4.2 A importância da modalidade EJA na vida educativa e pessoal dos educandos

Nesse momento vamos ressaltar como a modalidade da Educação de Jovens e Adultos é importante na vida dos alunos. Perguntou-se para eles: Qual a importância da modalidade da EJA para a sua vida?

Para Maria (2021) a EJA é importante porque sem ela não teria como estudar. A modalidade é fundamental para que jovens e adultos possam retomar os estudos e, com isso, dar o primeiro passo na carreira. Segundo Gomes (2015)

A Educação de Jovens e Adultos contempla os indivíduos de uma camada da população, que traz consigo uma história de vida marcada por lutas, desafios, na qual o trabalho tem papel fundamental, uma vez que, por serem em sua maioria carentes, enxergam o trabalho como um aliado na melhoria de vida e por isso, são motivados a frequentar a instituição escolar em busca de novas oportunidades. São pessoas dotadas de conceitos culturais e valores éticos construídos a partir das experiências de vida que emergem do ambiente em que estão inseridos e que construíram uma concepção de mundo baseada em significados oriundos das suas vivências. Boa parte desses alunos se sente envergonhada de voltar à instituição escolar quando adultos, uma vez que possuem uma visão distorcida de que a escola é destinada a crianças o que cria uma certa resistência dessa parcela da população para frequentar a sala de aula. (GOMES, 2015, p.12)

A educação de jovens e adultos não é apenas um direito para quem não concluiu o ensino básico e é mais do que alfabetizar. A EJA é dar às pessoas, independentemente da idade, a oportunidade de desenvolver seu potencial. É tornar mais próximos da realidade da sociedade os valores de igualdade e liberdade. Segundo:

A Educação de Jovens e Adultos tem como intenção primordial a reparação de uma dívida social; assim, ela torna-se um momento de nova significação de vida para os indivíduos que irão refletir acerca dos seus conhecimentos, e ampliá-los de forma a atender as suas necessidades pessoais. (GOMES,2015, p.11).

De acordo com a lei de Diretrizes e Bases da educação, todos devem ter direito ao acesso a educação, mas por que o Estado tem negado esse direito ao Estudante não só da EJA nas escolas do campo? Porque atualmente no cenário da educação brasileira muito se vê em dados de estatísticas o fechamento de escolas ou a não oferta da modalidade nas escolas. São questões que expressam a situação de excluídos dos menos favorecidos pelo poder público.

A primeira e a segunda conferência Nacional de Educação do Campo, ocorridas em 1998 e 2004 em Luziânia/Goiás,

constituíram-se em marcos históricos dessa articulação nacional no processo de afirmar o direito daquelas populações à educação, ao reivindicar que a educação do campo fosse assumida como política pública; que os órgãos públicos responsáveis pela educação se façam mais presentes reconhecendo a dívida social, cultural e educativa que têm para com os sujeitos que vivem no campo e na floresta; e que seja reconhecida a especificidade desses povos e de suas formas de viver e de ser, de formar-se, socializar-se...(p.13, 2004).

Esse movimento surgiu para organizar as diferentes lutas dos camponeses e dos conjuntos de trabalhadores do campo, que seus direitos devem ser alcançados e garantidos.

Quadro 04. Educação escolar é importante na sua vida?

Entrevistadas	Dizeres:
Maria	“Sim, sempre falo pros meus netos estudem, pois eu não tive oportunidade como vocês têm, e vocês não querem” (MARIA, 2021).
Dona Raimunda	“Sim, não tive como estudar, mas sempre tinha esse sonho de estudar, e sempre fiz de tudo para que meus filhos estudassem e tivessem a oportunidade que eu não tive”. (RAIMUNDA, 2021).
Benedita	“É sim, quero ser alguém na vida, precisamos de estudo pra tudo, a vida ensina muitas coisas, mas da maneira mais difícil”. (BENEDITA, 2021).

Fonte: elaboração das autoras, 2022.

Vemos que todos valorizam a educação e sabem que ela é importante não somente para a sua vida, como também para seus familiares. Elas reconhecem sua importância, que vai além da transmissão do conhecimento teórico das disciplinas curriculares. Ela contribui para a formação cidadã dos estudantes e promove a transformação do meio social para o bem comum.

Paulo Freire defendia a tese de que o importante do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutam o seu

pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implicitamente ou explicitamente nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (FREIRE, 1987, p.120).

A educação libertadora ou problematizadora busca desenvolver a consciência crítica, estimulando o aluno a aprender e principalmente a questionar a realidade.

4.3. Pedagogia dos Sonhos possíveis: Narrativas de educandos da EJA

Os educandos da EJA demonstram ter muitas experiências de vida e possuem uma gama de conhecimentos adquiridos sem qualquer formação acadêmica. Todavia demonstram algumas frustrações e objetivos não alcançados, mas sempre com desejo de avançar e conquistar seus sonhos.

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma boa conotação da forma histórico-social de estar no mundo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se... Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança... (FREIRE, 2001, p. 13).

Sonhar é, portanto, característica da natureza humana que nos motiva a viver. Todas as pessoas podem e devem sonhar, pois os sonhos nos impulsionam às conquistas, sendo nossa base e nossa meta. Os educandos da EJA chegam à escola com essas perspectivas:

QUADRO 05 - Quais seus sonhos (objetivo) desejam conquistar?

Entrevistadas	Dizeres
Maria	“Eu quero pelo menos desemburrar, assinar meu nome e aprender um pouco a leitura, acho tão bonito as pessoas lendo” (MARIA, 2021).
Dona Raimunda	“Tenho desejo de aprender a ler e a escrever, pois gostaria de ler a Bíblia de Deus” (DONA RAIMUNDA, 2021).
Benedita	“Eu tenho um sonho de ser doutora, ainda vou conseguir realizar, e dar uma vida melhor para os meus filhos”. (BENEDITA, 2021).

Fonte: Elaboração das autoras, 2022.

Observamos que os educandos têm sonhos que eles desejam alcançar e que lhes motivaram a frequentar a escola. Para muitos pode não significar muita coisa, porém para eles é tudo em suas vidas, pois depois de adultos e experientes da vida retomam a escola para conquistar algo que lhes falta e só a educação vai preencher o vazio de seus corações.

A privação que sofreram levou estes sujeitos à situação de excluídos. Sobre a exclusão Martins (1997) define:

A exclusão é apenas um momento da percepção que cada um e todos podem ter daquilo que concretamente se traduz de privação: privação de emprego, privação de bem-estar, privação de direito, privação de liberdade, privação de esperança. (MARTINS, 1997, p. 18).

A exclusão, fundamentalmente de direito, que os levou a serem excluídos de diversas situações, impede excluídos da melhor oportunidade de emprego de ter uma condição de vida melhor, a de ter uma vida financeira e social melhor. Eles foram impedidos até de sonhar com dias melhores. No entanto apesar dos fatores, nada os impede de frequentar a escola e conquistar seus desejos mais profundos.

A Educação é como uma semente que germina no solo que aos poucos vai crescendo, pegando força e depende das condições ambientais para crescer. Essa transformação é bem visível de uma semente para uma árvore. Assim é a educação na vida do ser humano. Para Paulo Freire (2003, p.14) “a educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém”. O autor afirma ainda que a “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.” (FREIRE, 1987, p. 84). É essa transformação que ele busca.

Como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem – realidade. Esta relação homem – realidade, homem – mundo, ao contrário do contato animal com o mundo, como já afirmamos, implica a transformação do mundo, cujo produto, por sua vez, condiciona ambas, ação e reflexão. É, portanto, através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, como também pode tê-las atrofiadas. Conforme se estabeleçam estas relações, o homem pode ou não ter condições objetivas para o pleno exercício da maneira humana de existir. (FREIRE, 2003, p. 17)

A educação como mudança social, como sobrevivência ontológica e política é uma arma poderosa. Através dela, um cidadão se torna mais crítico, tem mais oportunidade de emprego e melhoria da sua própria realidade. A educação é vista como um ato de conhecimento e transformação social, tendo certo cunho político.

Falar em emancipação segundo Freire (2000) é falar das diferentes formas de opressão e de dominação no mundo neoliberal e de exclusão. Assim sendo, o processo emancipatório percorre essa visão marcado por uma intencionalidade política que assume um futuro voltado para a transformação social. A emancipação nada mais é que o processo de libertação política, cultural, humana e social de todos os oprimidos.

Na obra *Pedagogia do Oprimido* (2002), Freire aponta e defende uma pedagogia para todos possam se emancipar mediante uma luta libertadora, que “[...] só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos- libertar-se a si e os opressores” (FREIRE, 2002, p. 30).

No processo da autonomia do sujeito, Freire (2000) mostra diversas formas de se chegar até o conhecimento. O respeito à individualidade, para o autor, tem caráter específico de se

chegar até o conhecimento porque o docente respeita aquilo que cada aluno traz consigo para, então, a partir daí aplicá-lo no saber.

Os sonhos são vários para o educando da EJA e ele precisa de autonomia. O professor pode dar ou tirar desse aluno, logo todo e qualquer trabalho docente necessita de reflexão. É preciso pensar diariamente no trabalho que está sendo exercido e se realmente está contribuindo para a formação do educando, portanto o professor tem papel muito importante.

5.Considerações

Conclui-se que os estudantes da EJA apresentaram como motivos do retorno à escola, prioritariamente, a necessidade frente às exigências do mercado de trabalho. Mas também é recorrente estarem motivados pelo desejo de ingressar no ensino superior e ter acesso a novos conhecimentos.

Deste modo, o educando passa por vários desafios na sua vida para concluir seus estudos. O que leva um estudante a frequentar a EJA são as limitações que ele encontrou no caminho. A EJA significa para os educandos uma resistência de luta diária, reflexos do trabalho, da pobreza, da falta de políticas públicas, da família nos territórios rurais.

O transporte e alimentação devem ser assegurados para o estudante da EJA e de boa qualidade. Já temos uma dívida com esses educandos e este é o mínimo para reparar o que devemos a eles.

A Modalidade da EJA é importante, pois sem ela não teria alternativa de retorno à Escola, já que ela permite que o aluno retome os estudos e conclua em menos tempo. Por isso há a necessidade de ampliar a EJA, para que mais pessoas tenham acesso e que seja ofertada em várias escolas, principalmente nas escolas do campo, reconhecendo que eles também são cidadãos de direitos e que devem ser garantidos e respeitados.

Os educandos da EJA tiveram sua trajetória negada e roubada, então mais que uma dívida social é dever que seus direitos sejam preservados e que as políticas educacionais sejam empregadas a fim de valorizar esses sujeitos como sujeitos de direitos.

São indivíduos que convivem e enfrentam preconceitos, críticas e discriminação, tanto no ambiente familiar como na vida em sociedade. Vale ressaltar que os educandos da EJA trazem consigo traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. A autonomia do aluno é fazer com que ele busque sua própria emancipação, ser crítico, ter a tomada de decisão, pois só assim será possível se libertara dos opressores.

Na pedagogia dos sonhos possíveis, o educando vê a educação como mudança social, não só profissional, em busca de capacitação, mas também mudança de sua realidade.

6.Referências

- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Campinas Papirus, 2008.
- BARBOSA, F. T. N. **A formação inicial de professores no curso de Pedagogia: Olhares sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.
- BRASIL. CNE/CEB. **Diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo**. Resolução N° 2, de 28 de Abril de 2008.
- _____. LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Distrito Federal. N° 9394/1996.
- _____. **Lei n. 11.947, de 16 de junho de 2009**. Dispõe sobre o atendimento a alimentação escolar e do programa Dinheiro Direto a Escola aos alunos da Educação Básica. Brasília, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.
- CALDART, Roseli Salete. **A Educação do Campo e a perspectiva de transformação da forma escolar**. In: MUNARIM, ANTONIO et al. (Org.). Educação do Campo: reflexões e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2010. P. 145-188.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.
- _____. Paulo. **Pedagogia da Indignação**. Cartas édag[ógicas e outros escritos. São Paulo: Ed UNESP.2000.
- _____. Paulo, Ana Maria. A. (Org.) **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo UNESP, 2001.
- _____. Paulo. Pedagogia do Oprimido. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 34° edição. 2002.
- _____. Paulo. Moacir Gadotti. (Org.) **Educação e Mudança**. 12ª edição. Paz e Terra. 2003.
- GADOTTI, Moacir, 1941-**Pedagogia da práxis/** Moacir Gadotti; prefácio de Paulo Freire. 5° ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2010.
- GOMES, C. A. **Os significados que os alunos da EJA têm em relação à instituição escolar**. Interagir: pensando a extensão, Rio de Janeiro, n.20, p. 01-21.jan./dez.2015.
- II CNEC. **Por uma Política Pública de Educação do Campo**. Texto Base- da II Conferência Nacional por uma Educação do campo. Luziânia-GO. 2004.
- LUDKE, Menga e ANDRE, Marli E. D. **A. pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EU, 1986.
- MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo. Paulus. 1997.
- MARX, K. **Introdução para a crítica da economia política-Coleção Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, pp. 135/6.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais). Resenha.

MOLINA, Monica Castagna; CALDART, Roseli Salete; ARROYO, Miguel G. **Por uma educação do Campo**. Rio de Janeiro; Vozes, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 15ª ed. pp: 1-130. 2014.

SOUZA, M. A. MARCOCCIA, P. C.P. PIANOVSKI. R.B. **Escolas Públicas do Campo: Políticas necessárias à superação da Desigualdade e exclusão**. Ed. Educare et Educare, Vol. 8, nº 15, Jan/Jun 2013. P.31-43.